

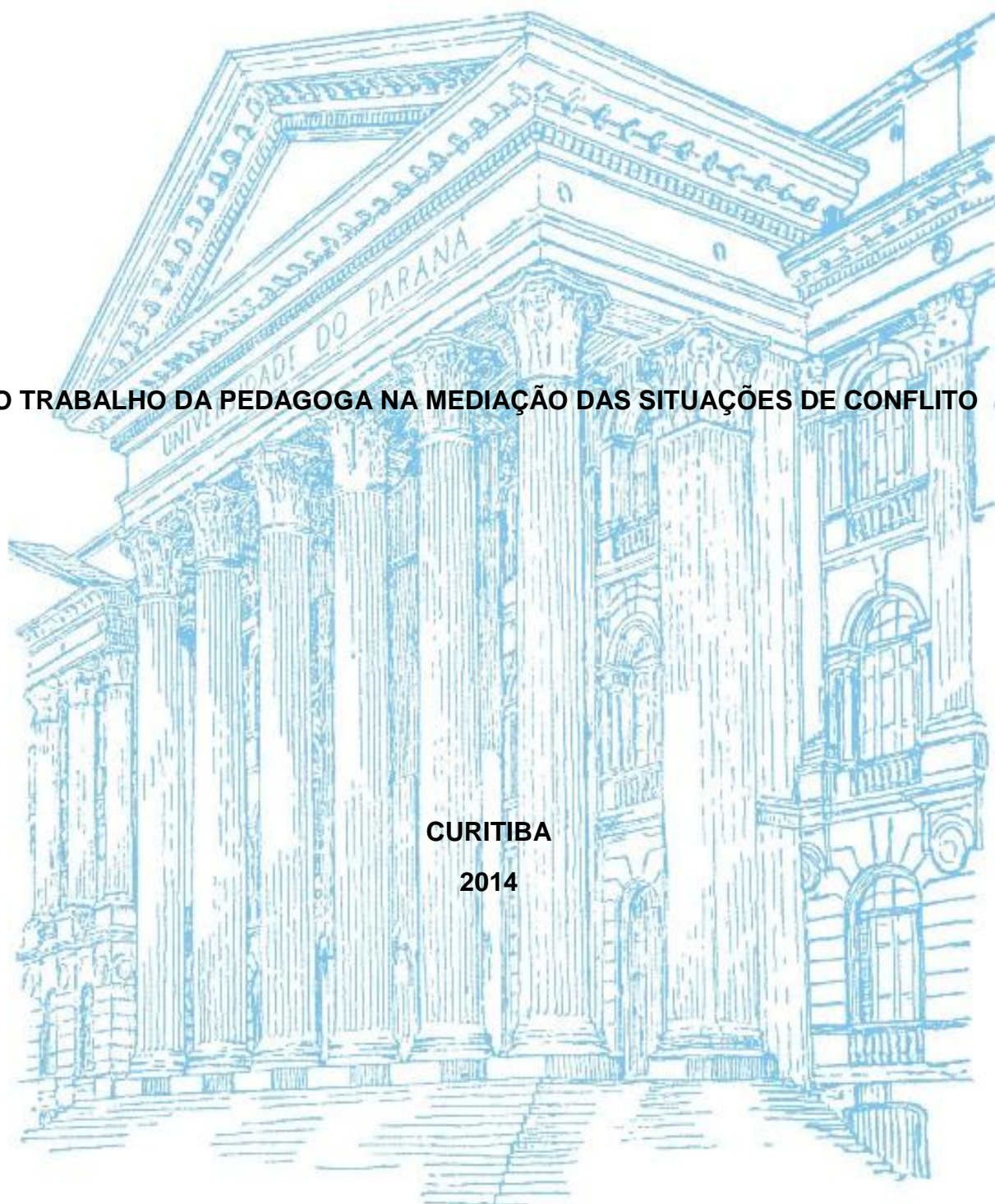
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

FRANCIELE DE ASSIS TEIXEIRA

O TRABALHO DA PEDAGOGA NA MEDIAÇÃO DAS SITUAÇÕES DE CONFLITO

CURITIBA

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

FRANCIELE DE ASSIS TEIXEIRA

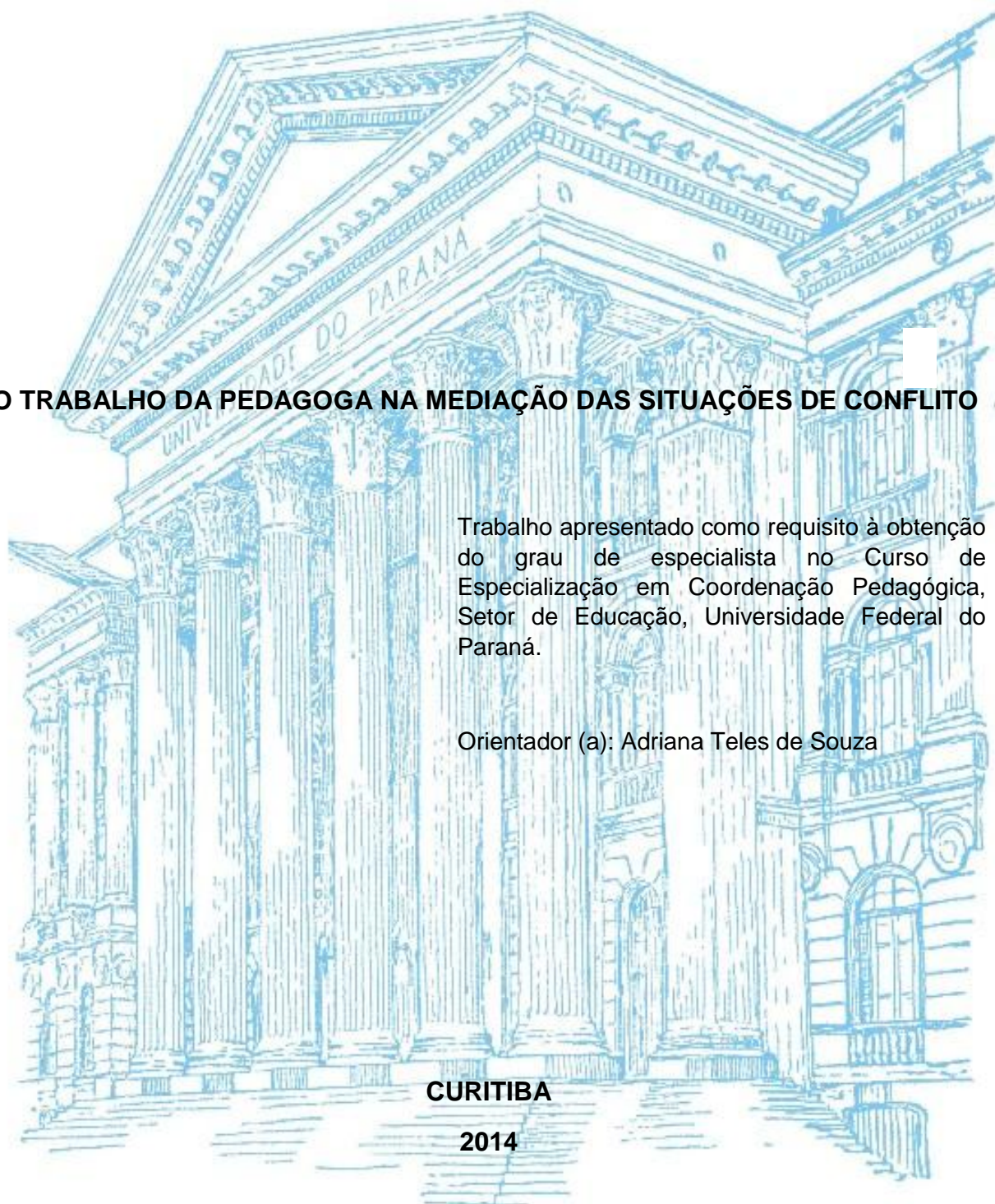
O TRABALHO DA PEDAGOGA NA MEDIAÇÃO DAS SITUAÇÕES DE CONFLITO

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Adriana Teles de Souza

CURITIBA

2014



O TRABALHO DA PEDAGOGA NA MEDIAÇÃO DAS SITUAÇÕES DE CONFLITO

Autora:¹ Teixeira, Franciele de Assis

Orientadora: ² Souza, Adriana Teles de

RESUMO

O artigo objetiva compreender qual é o papel da pedagoga na mediação das situações de conflito que envolvem o processo de aprendizagem, bem como, entender como a pedagoga influencia nas redes de diálogos estabelecidas por meio dos sujeitos escolares e quais são os dizeres das mesmas em relação à formação profissional, a mediação pedagógica e os sentidos e significados do seu papel como profissional. A abordagem teórica foi a Histórico-Cultural e para isso utilizaram-se os estudos de Vygotsky (1989) e Wallon (1968). Para a construção da pesquisa foi utilizada a proposta metodológica de Lakatos e Marconi (2003) e análise dos dados foi feita a partir dos encaminhamentos propostos por Aguiar e Ozella (2013). A partir do referencial teórico e das análises os dados foram organizados em três categorias: formação das pedagogas, atuação do trabalho através da mediação e participação da escola na construção das redes de comunicação. A pesquisa permitiu concluir que diante dos conflitos é necessário que a escola desenvolva ações preventivas, por meio da prática do diálogo e da mediação. Desse modo o trabalho das pedagogas na mediação de conflitos na escola se apresenta como uma proposta de trabalho necessária para o desenvolvimento da aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagoga; mediação; conflitos; escola.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo compreender o papel do trabalho da pedagoga na intervenção das situações de conflitos que ocorrem no cotidiano escolar. Assim, os sujeitos da pesquisa foram pedagogas que atuam em um Colégio Estadual do Paraná, da cidade de Maringá, e que trabalham diariamente com a mediação de diversas situações. Esses conflitos vão desde pequenos atritos

¹Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá. Especialização Psicopedagogia clínica e institucional e Educação Especial. Docente na rede municipal de educação de Maringá e Pedagoga da rede estadual de educação e aluna do curso de Especialização em Coordenação Pedagógica da Universidade Federal do Paraná.

²Mestra em Educação e Professora Pesquisadora do Curso de Coordenação Pedagógica do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

entre alunos ou entre alunos e professores, ou até mesmo casos mais específicos como discussões mais calorosas, violência física e moral. Identifica-se que esses conflitos estão presentes através das relações sociais estabelecidas na escola, devido a questões emocionais e sociais que envolvem os sujeitos, acabando por interferir no processo de aprendizagem.

Utilizaremos o termo pedagogas para nos referir as participantes da pesquisa, primeiramente porque esse é o termo utilizado pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná e também, por uma questão de gênero, já que o grupo pesquisado trata somente de mulheres.

A escola como geradora de formação educativa é capaz de identificar os conflitos e a partir dessa identificação, elaborar planos de ação, para com isso fomentar diálogos com os sujeitos envolvidos. Assim, é papel da pedagoga, juntamente com os educadores assegurar o diálogo no ambiente escolar, visto que vivenciamos no exercício das atribuições de educadores inúmeros conflitos nas relações interpessoais, ou seja, situações em que o diálogo cotidiano não é capaz de solucionar e que acabam por se tornar em atos de violência física ou verbal. O termo conflito é definido no documento publicado pela UNESCO, intitulado “Estratégias Educativas para a Prevenção da Violência”, como,

O conflito emerge em toda situação social em que se compartilham espaços, atividades, normas e sistemas de poder e a escola obrigatória é um deles. Um conflito não é necessariamente um fenômeno da violência, embora, em muitas ocasiões, quando não abordado de forma adequada, pode chegar a deteriorar o clima de convivência pacífica e gerar uma violência multiforme na qual é difícil reconhecer a origem e a natureza do problema. (ORTEGA, 2002, p.143)

Considerando as relações estabelecidas entre a comunidade escolar, vemos que as redes de comunicação entre os envolvidos demonstram situações de conflitos que interferem na aprendizagem e que necessitam de mediação da equipe pedagógica, pois para a escola convergem pessoas em fase de desenvolvimento e que de acordo com Vygotsky (1989) terão através da valorização do diálogo um importante instrumento na constituição dos sujeitos, tanto na infância quanto na adolescência, pois só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos

educadores, se o diálogo for utilizado como um fenômeno humano capaz de mobilizar a reflexão e conseqüentemente a ação.

Neste sentido, quando a comunicação não acontece, os sujeitos do conflito, em momento de elevada afetação emocional, buscam expressar o que cada um acredita ser o certo, fato que desencadeia uma série de fatores que podem dificultar ainda mais a negociação e gerar agressões verbais, psicológicas e físicas, caracterizando algumas vezes até mesmo um quadro de violência. É fundamental então se organizar uma prática escolar que seja capaz de conceber o aluno um sujeito em construção e transformação que, a partir das interações tornarem-se capaz de agir e intervir no mundo, conferindo novos significados educativos através do processo de interação.

Para tanto, o processo de mediação de conflitos torna-se um modo de viabilizar o diálogo construtivo e a negociação de tomada de decisões, visando relações interpessoais que mobilizem os sujeitos para a convivência escolar. De acordo com Vygotsky (1989) a mediação é, portanto, um elo, que se realiza numa interação constante no processo de ensino-aprendizagem. A mediação para o autor está relacionada a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), ou seja, a criança precisa ser mediada por alguém, para que pouco a pouco consiga resolver seus problemas de modo independente, chegando assim ao nível de desenvolvimento real (NDR).

A mediação segundo Vygotsky (1989) pode ser aplicada em qualquer contexto de convivência em que haja conflito ou impasses em que o diálogo entre as partes envolvidas não seja capaz de resolver, necessitando, portanto da intervenção da pedagoga. Nesse contexto, o papel dessa profissional se apresenta como uma ferramenta favorável ao diálogo com discussão e socialização de ideias, estabelecendo critérios de comunicação às partes envolvidas. Assim, a pedagoga deve favorecer a comunicação entre os protagonistas no momento de crise, a fim de promover a tomada de consciência, para a qualidade das relações interpessoais entre os envolvidos. Assim,

A mediação é a intervenção, profissional ou profissionalizada, de um terceiro – um especialista – no conflito travado entre duas partes que não alcançam, por si mesmas, um acordo nos aspectos mínimos necessários para restaurarem uma comunicação, um diálogo que, é

necessário para ambas (...) com o reconhecimento da responsabilidade individual de cada um no conflito e o acordo sobre como agir para eliminar a situação de crise com o menor custo de prejuízo psicológico, social ou moral para ambos os protagonistas e suas repercussões em relação a terceiros envolvidos. (ORTEGA 2002, p.147)

No estudo sobre o trabalho diário da equipe pedagógica, vemos que um fator recorrente observado na escola é o número de alunos encaminhados para a equipe pedagógica, por conflitos, seja um problema por falta de material, indisciplina ou desinteresse do aluno na aula, ou por discussões entre os próprios alunos.

Neste sentido, fazem parte do universo desta pesquisa três pedagogas que atuam no período vespertino no Colégio Estadual em questão na cidade de Maringá no Paraná. Assim, o objetivo está em compreender qual é o papel da pedagoga na mediação das situações de conflito que envolve o processo de aprendizagem, bem como, entender como a coordenação pedagógica influencia nas redes de diálogos estabelecidas por meio dos sujeitos escolares e quais são os dizeres das pedagogas em relação aos conflitos e ao processo de ensino- aprendizagem.

Assim, o trabalho foi norteado através de estudo teórico e da pesquisa em campo, por meio da observação do trabalho da equipe pedagógica em situações de conflito. Deste modo, a coleta de dados foi elaborada através de uma entrevista estruturada, realizada com as pedagogas que atuam no Colégio em questão.

No primeiro momento tratou-se sobre o trabalho da pedagoga na rede pública do Estado do Paraná, discutindo o histórico da profissão e em seguida sobre a função dessa profissional de acordo com a Secretaria Estadual de Educação do Paraná. Num segundo momento discutiu-se sobre o trabalho da pedagoga na mediação de conflitos com base na abordagem teórica Histórico-Cultural e para isso utilizou-se os estudos de Vygotsky (1989) e Wallon (1968). No terceiro momento apresentou-se os encaminhamentos metodológicos realizados para a coleta de dados e a análise dos mesmos.

1 O TRABALHO DA PEDAGOGA NA REDE PÚBLICA ESTADUAL DO PARANÁ

O termo pedagogo tem a sua origem na palavra grega *paidagogos*, que significa aquele que conduz a criança, sendo *paidós* – criança e *agogós* – que conduz. Na Grécia antiga os meninos eram enviados para serem educados na *palestra*, ou seja, na Grécia e Roma antigas, lugar onde se faziam exercícios ginásticos e sempre estavam acompanhados de um escravo, que era conhecido como pedagogo, daí o significado de conduzir, porque o pedagogo naquele período conduzia e acompanhava a criança para onde quer que ela tivesse que ir até ter completado a sua formação

Para compreender o pedagogo e sua função no contexto atual da Escola Pública é preciso compreender a trajetória histórica até a promulgação das primeiras leis que regulamentaram a profissão no Brasil. De acordo com Libâneo,

A primeira regulamentação do curso de Pedagogia no Brasil, em 1939, prevê a formação do bacharel em Pedagogia, conhecido como “técnico em educação”. A legislação posterior, em atendimento à Lei nº 4.024/61 (LDB), mantém o curso de bacharelado para a formação do pedagogo (Parecer CFE 251/62) e regulamenta as licenciaturas (Parecer CFE 292/62). (LIBÂNEO, 2010, p. 45 - 46).

Em 1939 com a regulamentação do curso de Pedagogia como bacharelado, através da lei LDB 4.024/61, apenas conserva o curso de Pedagogia como bacharelado e regulamenta os outros cursos como licenciaturas. Na década de 1980 apresenta grandes mudanças na sociedade brasileira, com o final da ditadura militar e início da Nova República, onde ocorreram alterações nos mais diversos campos da sociedade, em especial na pedagogia. Surge nesse período um movimento que promove a retirada de algumas disciplinas dos cursos de pedagogia com o intuito de promover uma formação mais específica apenas para professores do ensino fundamental. Em relação a isso, Libâneo (2010) relata que,

Em meados da década de 1980 algumas Faculdades de Educação, por influência de pesquisas, debates em encontros e indicações do movimento nacional pela formação do educador, suspenderam ou suprimiram as habilitações convencionais (administração escolar, orientação educacional, supervisão escolar, etc.), para investir num currículo centrado na formação de professores para as séries iniciais

do ensino fundamental e curso de magistério. (LIBÂNEO, 2010, p. 46)

O Curso de Pedagogia, desde então, vai amalgamando experiências de formação inicial e continuada de docentes, para trabalhar tanto com crianças quanto com jovens e adultos. Apresenta hoje diversificação curricular, com uma gama ampla de habilitações para além da docência no Magistério das Matérias Pedagógicas do então Ensino Médio, e para as funções designadas como especialistas, ou seja, pedagogo, coordenador pedagógico, supervisora e orientadora educacional.

Após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/96, uma série de ações foi implementada pelo Estado brasileiro trazendo modificações para a educação brasileira, desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio até o Ensino Superior – novas denominações para os antigos Educação pré-escolar, Ensino de 1º Grau, Ensino de 2º Grau e Ensino de 3º Grau. Tal mudança se fez sentir principalmente nas universidades públicas e nos cursos de formação de docentes. A Resolução CEB n. 2/99; a regulamentação dos cursos sequenciais que abriram à possibilidade de retomada das antigas licenciaturas curtas de 1.600 horas; a criação dos Institutos Superiores de Educação, específicos para formação de professores para a Educação Básica; a criação do Curso Normal Superior para formação de professores de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental e Educação Infantil e a formação dos especialistas nos Cursos de Pedagogia, além da elaboração de Diretrizes Curriculares Nacionais para a graduação.

Entre os anos de 2003 a 2010, a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR) alterou a perfil de atuação do pedagogo, que até então se apresentava como especialista. A equipe técnica era formada pelo supervisor escolar e o orientador educacional. Com as novas orientações, ocorre a junção das funções para o novo cargo – Professor Pedagogo. A partir da lei complementar nº.103/2004 que dispõe sobre o plano de carreira dos professores da Rede Estadual de Educação Básica, no artigo 4º, inciso 5º do capítulo III que trata dos conceitos fundamentais, fica evidente que o pedagogo é professor. Portanto, a partir daí, o

termo professor pedagogo foi adotado pelo Estado do Paraná. De acordo com a Secretaria de Educação do Estado do Paraná,

O pedagogo é aquele que não fica indiferente, neutro diante da realidade. Procura intervir e aprender com a realidade do processo. O conflito por isso está na base de toda a pedagogia. Percebe-se aqui o pedagogo como articulador do trabalho coletivo da escola, articula a concepção de educação da escola, as relações políticas, sociais, culturais e históricas (PARANÁ, 2010a, p. 8).

Dentre outras atribuições, estabelecidas no edital nº. 10/2007 – GS/SEED referentes à função de professor-pedagogo para o atual concurso público, estão,

Coordenar a elaboração coletiva e acompanhar a efetivação do Projeto Político-Pedagógico e do Plano de Ação da Escola; coordenar a construção coletiva e a efetivação da Proposta Pedagógica Curricular da Escola, a partir das Políticas Educacionais da SEED/PR e das Diretrizes Curriculares Nacionais e Estaduais; sistematizar, junto à comunidade escolar, atividades que levem à efetivação do processo ensino e aprendizagem, de modo a garantir o atendimento às necessidades do educando; coordenar a organização do espaço-tempo escolar a partir do Projeto Político-Pedagógico e da Proposta Pedagógica Curricular da Escola, intervindo na elaboração do calendário letivo, na formação de turmas, na definição e distribuição do horário semanal das aulas e disciplinas, da hora-atividade, no preenchimento do Livro Registro de Classe de acordo com as Instruções Normativas da SEED e em outras atividades que interfiram diretamente na realização do trabalho pedagógico; coordenar, junto à direção, o processo de distribuição de aulas e disciplinas a partir de critérios legais, pedagógicos e didáticos e da Proposta Pedagógica Curricular da Escola; apresentar propostas, alternativas, sugestões e/ou críticas que promovam o desenvolvimento e o aprimoramento do trabalho pedagógico escolar, conforme o Projeto Político-Pedagógico, a Proposta Pedagógica Curricular, o Plano de Ação da Escola e as Políticas Educacionais da SEED; coordenar a elaboração de critérios para aquisição, empréstimo e seleção de materiais, equipamentos e/ou livros de uso didático-pedagógico, a partir da Proposta Pedagógica Curricular e do Projeto Político-Pedagógico da Escola; participar da organização pedagógica da biblioteca, assim como do processo de aquisição de livros e periódicos; informar ao coletivo da comunidade escolar os dados do aproveitamento escolar; coordenar o processo coletivo de elaboração e aprimoramento do Regimento Escolar, garantindo a participação democrática de toda a comunidade escolar da organização e efetivação do trabalho pedagógico escolar.

Assim, entendemos que de acordo com as Políticas Educacionais da SEED/PR e das Diretrizes Curriculares Nacionais e Estaduais o pedagogo é peça fundamental dentro do contexto escolar, é ele quem realiza toda a articulação e integração do trabalho pedagógico-didático. Ele tem a função de coordenar e acompanhar o andamento do projeto político pedagógico da escola, estudar o currículo, prestar atendimento pedagógico-didático e orientação metodológica ao

professor, realizar a intermediação entre professor e alunos, realizar a investigação e diagnóstico de dificuldades de aprendizagem dos alunos, avaliação da aprendizagem e formação continuada dos profissionais da educação.

2 A MEDIAÇÃO ATRAVÉS DO DIÁLOGO

A partir do estudo das perspectivas teóricas Wallon (1968) e Vygotsky (1989) e das bases teóricas de Camargo (2004), vemos que o diálogo, segundo eles não pode ser desvinculado da dimensão cognitiva. Em busca de maior compreensão sobre o objeto da pesquisa, o presente artigo se propõe a realizar um diálogo entre os autores a fim de estabelecer ligações com o objeto de estudo, ou seja, o trabalho da pedagoga na mediação dos conflitos no cotidiano escolar.

Conforme o estudo feito nesta pesquisa, observamos que as questões de conflitos que envolvem o cotidiano da escola interferem no desenvolvimento da aprendizagem, visto que tais situações fazem com que o tempo dedicado ao ensinar e aprender seja ocupado por discussões e situações de tumulto nas salas de aula.

Assim, a necessidade de mudança na relação do processo de ensino e aprendizagem deve procurar integração entre a perspectiva afetiva e cognitiva, onde as emoções têm um papel significativo que podem facilitar ou dificultar a aprendizagem. Vygotsky (1989) salienta que o aprendizado do indivíduo depende da interação com os objetos que o cercam através dos processos de mediação do meio social em que vive.

Na concepção que Vygotsky tem do ser humano, portanto, a inserção do indivíduo num determinado ambiente cultural é parte essencial de sua própria constituição enquanto pessoa. É impossível pensar o ser humano privado do contato com um grupo cultural, que lhe fornecerá os instrumentos e signos que possibilitarão o desenvolvimento das atividades humanas. O aprendizado, nesta concepção, é o processo fundamental para a construção do ser humano. O desenvolvimento da espécie está, pois, baseado no aprendizado que, para Vygotsky, sempre envolve a interferência, direta ou indireta, de outros indivíduos e a reconstrução pessoal da experiência e dos significados. (OLIVEIRA, 1995, p. 78)

Assim, entendemos que a escola como espaço social precisa compreender a complexidade do ser humano, que possui aspectos afetivos e cognitivos que

dependem um do outro. Sendo então, o ensino e a escola produtos de um processo histórico e cultural. Deste modo, é necessário que os objetivos estabelecidos do processo ensino- aprendizagem sejam claros e definidos por todos dentro da escola, para que os laços de comunicação e afetividade se estabeleçam.

De acordo com Vygotsky (1993), todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social e acabam se constituindo no produto do seu desenvolvimento histórico. Assim, as habilidades cognitivas e as formas de estruturar o pensamento são resultados das atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que o indivíduo se encontra. Outro aspecto por ele discutido é que a função primordial da fala é a necessidade de comunicação que impulsiona o desenvolvimento da linguagem. A transmissão racional e intencional de experiências e pensamentos requer um sistema mediador, isto é a fala, que por sua vez também é parte integrante dos mecanismos de comunicação corporal, assim, temos um discurso corporal tão comunicativo quanto à fala. Para o autor, a qualidade das emoções sofre mudanças quando os processos cognitivos e o conhecimento conceitual da criança se desenvolvem,

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um outro sentido. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento um poder mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente de um sistema interno do indivíduo, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em uma sombra desnecessária e impotente. (VYGOTSKY, 1993, p. 25)

A linguagem através da fala é capaz de definir os conteúdos através dos significados construídos no contexto cultural em que o sujeito se insere. A linguagem torna possível dispor das palavras para que as emoções possam ser identificadas, compreendidas, compartilhadas e controladas, uma vez que se dispõe de palavras para dar nome às emoções, pode-se identificá-las, compreendê-las, controlá-las e compartilhá-las com os outros, ou seja,

A palavra carro, por exemplo, tem significado objetivo de veículo automotor, movido a combustível, utilizado para o transporte de pessoas. O sentido da palavra carro, entretanto, variará conforme a pessoa que a utiliza e o contexto em que é aplicada. Para o motorista de táxi significa um instrumento de trabalho; para o adolescente que gosta de dirigir pode significar forma de lazer; para alguém que já foi atropelado o automóvel tem um sentido ameaçador, que se refere a uma situação desagradável, e assim por diante. O sentido da palavra relaciona seu significado ao contexto de uso da língua e aos motivos afetivos e pessoais dos seus usuários. Refere-se ao fato de que a experiência individual é sempre mais válida do que a generalização contida nos signos. (OLIVEIRA 1993, p. 81)

Ao nascer, o ser humano se depara com um mundo em processo de transformação e para viver nele é preciso apropriar-se da cultura construída pela sociedade. A apropriação dessa cultura se dará então a partir das relações sociais que os seres humanos promovem entre si e que se tornam condição fundamental para a vida em sociedade, sempre mediadas pelas ferramentas materiais e intelectuais produzidas, ou seja, por meio de signos e instrumentos criados ao longo da história para suprir as necessidades de sobrevivência.

De acordo com Vygotsky (1993), a qualidade das emoções sofre mudanças à medida que o conhecimento e os processos cognitivos da criança se desenvolvem. Pois é a partir de sua inserção na cultura que a criança, em contato social com as pessoas que a rodeiam vai se desenvolvendo. A partir das práticas culturalmente estabelecidas, ela vai amadurecendo deixando para trás as formas mais elementares de pensamento para as formas mais abstratas, que a ajudarão a conhecer e controlar as emoções.

Assim, Oliveira (2003), afirma que para Vygotsky, nas emoções primitivas é clara a raiz instintiva, e biológica. O medo, por exemplo, seria como uma fuga inibida, isto é, uma forma consolidada de comportamento que surge do instinto de autoconservação. A raiva, por sua vez, seria uma briga inibida, o instinto de autoconservação em sua forma ofensiva. Mas, no decorrer do desenvolvimento as emoções vão se transformando, se afastando dessa origem biológica e se constituindo como fenômeno histórico cultural, ou seja, os sistemas simbólicos são construídos de fora para dentro do indivíduo, como construções culturais, internalizadas pelo indivíduo ao longo do seu processo de desenvolvimento.

Portanto, o desenvolvimento do ser humano na concepção Histórico-Cultural depende do aprendizado que a pessoa realiza em um determinado grupo cultural, a partir da interação com os indivíduos de sua espécie. Então, o ensino não pode ser definido apenas a partir do desenvolvimento da maturidade do indivíduo, ou seja, a partir daquilo que ele é capaz de fazer sozinho, e sim através dos níveis das zonas de desenvolvimento real e potencial.

O nível de **desenvolvimento real** se refere a todos os conhecimentos que a criança já tem adquirido, aquilo que elas são capazes de fazer por si mesmas, sem a ajuda ou mediação de outra pessoa. São as conquistas já alcançadas pela criança, como por exemplo, andar, saber seu nome. Esse nível corresponde ao conhecimento de mundo que ela já tem interiorizado. Já o **nível de desenvolvimento potencial** é aquele em que a criança consegue fazer algo com a ajuda do outro, mediante o diálogo, a colaboração, as experiências partilhadas, ou seja, é aquele no qual a distância entre o que a criança é capaz de fazer sozinha e aquilo em que ainda necessita da intervenção do outro. Definindo assim as funções que ainda não estão maduras, porém, estão presentes e em desenvolvimento.

Assim, entende-se que o psiquismo do ser humano funciona com base em significados construídos historicamente e compartilhados culturalmente. A dimensão da significação é capaz de transformar a forma na qual reagimos às diversas situações. Portanto, Vygotsky defende a ideia de que a compreensão do pensamento humano só é possível através da análise da base afetiva, ou seja, o sujeito é produto do desenvolvimento dos processos físicos e mentais, cognitivos e afetivos, internos e externos, através da interação dialética que se constitui o sujeito.

Nesse contexto, Vygotsky (1989) considera a escola como o lugar mais importante ao desenvolvimento, pois só há desenvolvimento se realmente houver aprendizagem. O desenvolvimento cognitivo é consequência do conteúdo a ser apropriado pelo indivíduo e das relações que ocorrem ao longo do processo da educação e ensino.

O professor e a pedagoga na concepção Histórico-Cultural assumem na escola o papel de mediador do processo de ensino e aprendizagem, na medida que procuram propor desafios aos alunos, auxiliar na solução de problemas, oferecer informações e promover situações que incentivem a curiosidade dos alunos.

Portanto, através das intervenções, o professor irá contribuir para a formação de novos conceitos ainda não consolidados e para o desenvolvimento de outros.

Para compreender as relações estabelecidas no desenvolvimento da aprendizagem utilizamos as ideias estudadas por Wallon (1934) que se dedicou a pesquisas sobre como ocorre o desenvolvimento de um recém-nascido em direção à fase adulta. O autor elaborou uma teoria na qual a emoção é amplamente abordada, na qual enfatiza que é “[...] *a emoção que estabelece a ligação entre a vida orgânica e a vida psíquica* [...]” (ALMEIDA, 2007, p. 28). A partir de pesquisas genéticas Wallon (1934) observou que ocorre o desenvolvimento de duas grandes funções mentais durante o processo de maturação do indivíduo: a inteligência e a afetividade. Neste sentido, “*A inteligência não se desenvolve sem afetividade e vice-versa, pois ambas compõem uma unidade de contrários.*” (ALMEIDA, 1999, p. 29). Entende-se então que afetividade e a inteligência, por conseguinte, são aspectos indissociáveis, intimamente ligados e influenciados pela socialização. Enquanto o sujeito se desenvolve no seu espaço social e cultural ao mesmo tempo transfere suas emoções através das relações que vivencia.

Wallon (1934) busca compreender os processos psíquicos que constituem o ser humano através do ato mental, da afetividade, da inteligência e das relações do sujeito com o meio. As emoções precedem a representação e constituem-se no primeiro recurso de interação com o outro. A representação se utiliza da função simbólica da linguagem, ou seja, buscar para um objeto sua representação e para sua representação, um signo. A representação é garantida pela função simbólica, mas só é desenvolvida no contexto social. Assim, a interação social através das relações interpessoais e as produções culturais historicamente acumuladas são fundamentais para a regulação das emoções. Assim, entende-se que Vygotsky e Wallon construíram suas teorias concebendo o sujeito a partir do materialismo histórico e dialético. Dessa forma, a mediação se processa pela utilização de instrumentos e signos que possibilitam, pela interação social, a transformação do meio e dos sujeitos.

Ainda segundo Wallon (1934), a inteligência e afetividade seriam polos opostos e a afetividade seria anterior à inteligência, pois quando a criança nasce nem todas as funções dos órgãos estariam prontas para desempenhar o papel cognitivo. “*A base da antecendência da afetividade à inteligência está na maturidade*

precoce dos seus centros nervosos” (ALMEIDA, 1999, p.42). Enquanto ainda não dispõe da linguagem verbal, seria por meio da afetividade que ocorre a interação com o meio. Para tanto,

É inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante. Não porque criam peça por peça suas atitudes e seus modos de sentir, mas precisamente, ao contrário. Porque se dirigem, à medida que ela desperta, a automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas contém em potência, e, por intermédio deles, a reações de ordem íntima e fundamental. Assim, o social se amalgama ao orgânico (WALLON, 2007, p. 122).

Portanto, a teoria walloriana trata das emoções na vida das crianças, investigando todos os meios sociais do qual fazem parte, entre eles a família e a escola. E destaca a importância das emoções na relação professor e aluno, sendo que a aprendizagem depende em grande parte dessas relações estabelecidas entre professores e alunos. A criança, para Wallon é essencialmente emocional e gradualmente vai constituindo-se em um ser sócio-cognitivo. Antes do surgimento da linguagem falada, as crianças comunicam-se e constituem-se como sujeitos com significado.

Para Wallon (1934), é necessário compreender o ser humano em todos os seus aspectos: cognitivo, afetivo, psicológico, motor e também nas relações que o indivíduo estabelece com o meio. A criança, antes de adquirir a linguagem verbal, estabelece relações com os outros seres humanos por meio das reações corporais, como por exemplo, o choro e o riso. Sendo que, em alguns momentos da vida, existe a predominância da afetividade ou do cognitivo, mas, sempre com a presença do outro, em maior ou menor grau. Haja vista, que a mediação tanto em Vygotsky, quanto em Wallon são determinantes para os processos de desenvolvimento do indivíduo, ou seja, torna possível o acesso do mesmo ao simbolismo da vida cotidiana, em diferentes ambientes sociais. Aqui se enfatiza o ambiente escolar, seus conflitos e os modos de atuação diante destes fatores.

Deste modo, em consonância com as ideias de Vygotsky e Wallon sobre a mediação, Camargo (2004) traz a discussão sobre a atenção de todos os envolvidos na educação, no sucesso escolar e na qualidade do ensino para um problema muito

comum nas salas de aula, as situações de conflitos, que ocorrem na escola e a interferência dessas no processo ensinar e aprender. Assim, para se compreender o processo de emoção é necessário compreender como se dá a relação de vínculo. Pouco a pouco as primeiras experiências sociais trazem das relações com os outros novas expectativas, esperanças, crenças e até mesmo conflitos. Desde os primeiros dias de vidas, os bebês compartilham experiências emocionais com os outros ,ou seja, sorriem, balbuciam, choram. É dessa relação emocional com o outro que irão nascer outras funções, a simbólica, a atividade intelectual e as condutas sociais.

Inicialmente a conduta da criança é controlada pela fala do adulto, principalmente na condução de limites dos riscos ao seu redor. Temos aí o início da regulação do comportamento. Com o passar dos anos a criança através de símbolos e instrumentos linguísticos partilham a atenção com os adultos. Para desenvolver a linguagem a criança precisa participar de atividades sociais comunicativas e a escola é um local essencialmente favorecedor da vida coletiva, das interações grupais, porque nelas são vivenciados e trocados valores, informações, normas e modos de vida diferenciados.

Ao longo da vida a emoção se transforma na relação com as outras funções, como a linguagem, memória, percepção e atenção. As relações sociais fazem com que os significados afetivos e morais configurem a formação psíquica e de identidade de cada indivíduo. Assim, os sentimentos de alegria e tristeza, os jogos de sedução, as relações de poder, garantem a evolução das emoções, sejam elas positivas ou negativas. Durante o processo de aprendizagem o aluno deve ter um objetivo para realizar uma determinada atividade. Assim é fundamental considerar que esse aluno traz consigo uma identidade que está permeada por necessidades, desejos e interesses.

A partir dos estudos feitos sabe-se que não há como separar emoção e cognição. Assim as emoções e sentimentos são manifestações que permeiam o dia-dia da sala de aula. Sendo a escola uma via direta de socialização, ela é um meio eficaz de comunicação de novas informações, tendo então um aspecto positivo para o desenvolvimento do diálogo. Neste contexto, a cultura, a família e a escola definem em grande parte o desempenho positivo de todo o processo educativo.

3 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS

Tendo em vista o fato de que o objetivo da pesquisa foi compreender o papel das pedagogas na mediação dos conflitos existentes na escola através das redes de diálogo estabelecidas, o procedimento utilizado foi a pesquisa de campo, para tanto, trata-se de uma pesquisa qualitativa, na medida que buscou compreender detalhadamente o trabalho da pedagoga na escola especificamente na mediação dos conflitos ocorridos no dia-dia e realizou-se a observação do trabalho diário das pedagogas do colégio em questão. Analisou-se as formas de registro das intervenções pedagógicas realizadas pelas pedagogas. Após o período de observação foi realizada entrevista estruturada de acordo com a proposta metodológica de Lakatos e Marconi (2003), com três pedagogas que atuam no Colégio no período vespertino. Primeiramente apresentamos o tema da pesquisa, em seguida solicitamos a autorização das profissionais para a realização da entrevista e agendou-se então a aplicação da entrevista. As questões foram apresentadas oralmente uma a uma pela entrevistadora, que transcreveu as respostas, anotando as falas das entrevistadas.

Para análise dos dados da entrevista utilizamos a proposta metodológica de construção e análise de Núcleos de Significação proposta por Aguiar e Ozella (2013), assim, foram identificados nos dizeres das pedagogas na primeira categoria os pré-indicadores, na segunda categoria os indicadores e na terceira categoria os núcleos de significações e a sua relação com a questão do pensamento e da linguagem em Vygotsky (1989). Os dados foram organizados em três categorias: **formação das pedagogas, atuação do trabalho através da mediação e participação da escola na construção das redes de comunicação**, sendo que, estas categorias foram dimensionadas do seguinte modo: **formação profissional, mediação docente, sentido e significações**. Ressalta-se que tanto as categorias, quanto as dimensões foram decorrentes da entrevista, ou seja, a partir das respostas dadas foi possível identificar as categorias e dimensioná-las. As pedagogas entrevistadas serão identificadas como **P1, P2 e P3**.

3.1 Formação das pedagogas

Na categoria que diz respeito a **Formação Profissional**, em relação à **formação acadêmica e tempo de atuação** no Colégio pesquisado, a **P1** tem sua formação em Pedagogia e especialização em Psicopedagogia e Educação Especial, atuando como pedagoga no Colégio há 4 anos, trabalhando também como professora da rede municipal. A **P2** é formada em Pedagogia, trabalha no Colégio há quatro anos. Já a **P3** trabalha no Colégio há dez anos e tem sua formação em Pedagogia e especializações em Orientação Educacional e Psicopedagogia. O cargo da **P.3** é intitulado orientadora educacional de acordo com o concurso público que a efetivou. As pedagogas entrevistadas ocupam cargos efetivos através de concurso público da Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED/Pr). Em relação à **formação profissional**, percebe-se que todas as entrevistadas possuem formação superior adequada para o desenvolvimento do cargo ocupado, contanto ainda com especializações na área e cursos de formação continuada oferecidos pela (SEED/Pr) durante todo o ano letivo. Neste sentido é possível averiguar que a formação profissional torna-se um fator importante no processo de atuação na escola e é co-responsável pelo andamento do ensino e da aprendizagem.

Quando questionadas sobre a **rotina de trabalho enquanto pedagogas** podem-se identificar a burocratização e a sobrecarga do papel da pedagoga no ambiente escolar e a descaracterização da sua função como profissional. Isto foi expresso nos seguintes **pré-indicadores** das seguintes falas,

Resolver desentendimentos e casos de indisciplina, porém, **na medida do possível realizo o trabalho psicopedagógico no encaminhamento de alunos para sala de recurso**, aplicação de anamneses, atendimento a professores, contato com familiares, atendimento a pais, escrita de relatórios e encaminhamentos para Conselho Tutelar e profissionais especializados como psicólogos, médicos. Além disso **cumpro com a parte burocrática** de acompanhar Registros de Classe, Conselhos de Classe, preparação de Reuniões pedagógicas. Sinto-me frustrada por **não conseguir jamais acompanhar o planejamento dos professores e assim mediar o processo ensino-aprendizagem**. (P1, ENTREVISTA em 05/05/2014)

Trabalho em orientar alunos e pais, pois **devido às ocorrências do dia-dia acabo por não acompanhar os professores em seus planejamentos de aulas e avaliações**. Um dos fatores que mais incomoda é a falta de responsabilidade e compromisso dos alunos com a escola e do acompanhamento das famílias na vida escolar de seus filhos

devido a falta de interesse dessas partes **ocorrem problemas de indisciplina** que conseqüentemente geram conflitos na sala de aula. (P2, ENTREVISTA em 06/05/2014)

Sou pedagoga por opção em minha prática diária busco conhecer melhor a história de vida de cada aluno e principalmente identificar fatores que possam estar interferindo na aprendizagem do aluno(a). Busco parceria com pais ou responsáveis e quando necessário faço encaminhamentos para outros profissionais como médicos, psicólogos. **O trabalho poderia ser melhor se tivesse um número menor de alunos para atender**, pois sou responsável por seis turmas. (P3, ENTREVISTA em 07/05/2014)

Averiguou-se assim que a **P1** não considera seu trabalho como satisfatório, pois mais do que assessorar o trabalho pedagógico, acaba por ter maior parte de seu tempo ocupada com questões de soluções de conflitos. Na resposta dada pela **P2** novamente verifica-se uma insatisfação na rotina de trabalho da pedagoga, que não consegue cumprir com suas reais atribuições, no que diz respeito ao acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem. A **P3** quando questionada sobre seu trabalho enquanto pedagoga no dia-dia da escola, também relata esbarrar na sobrecarga da função que torna o trabalho pedagógico de qualidade inviável. Vemos assim que o fator que atrapalha o trabalho dessa profissional está no número de alunos que a mesma tem para atender, ou seja, não há um discurso enfático nos conflitos.

Diante das respostas apresentadas vemos que a rotina de trabalho das profissionais é permeada por inúmeras atribuições. Retomamos assim a discussão apresentada pela SEED (2009) sobre o papel do pedagogo no ambiente escolar, que muitas vezes, é compreendido como burocrata, disciplinador de alunos, fiscalizador de professores e profissional multitarefa, acabando assim com uma sobrecarga de atribuições e deixando muitas vezes de conseguir desenvolver o trabalho de acompanhamento pedagógico, nas questões que envolvem o ensino.

Conforme expresso em documento elaborado pela Coordenação de Gestão Escolar,

[...] é papel do pedagogo articular os conteúdos à concepção de homem, sociedade e educação pensados coletivamente no Projeto Político-Pedagógico da escola e, a partir daí, direcionar explicitamente a prática educativa [...]. É papel do pedagogo fazer a articulação entre a teoria e a metodologia, dentro das condições concretas de ensino e aprendizagem, uma vez que, como responsável pela organização do trabalho pedagógico da escola como um todo, deve conhecer as possibilidades e as relações dos diversos contextos que a constituem, sendo-lhe possível prever e prover, de forma sistemática, os recursos e a distribuição do tempo e

espaço escolares, para que as atividades planejadas sejam realizadas, além de analisá-las quanto à sua efetividade para promoção da aprendizagem. (PARANÁ, 2010, p. 18)

As pedagogas desenvolvem diariamente a função de mediadoras, observando e percebendo os problemas e dificuldades, realizando ações que conduzem aos caminhos para equacionar tais problemas, que dizem respeito à escola. Portanto, o envolvimento da pedagoga com questões do dia-a-dia escolar não deve extrapolar seu tempo e espaço do fazer pedagógico, e o seu coletivo deve planejar ações para enfrentamento destas questões.

3.2 Atuação do trabalho através da mediação

Na categoria que diz respeito à **atuação do trabalho através da mediação** quando questionadas sobre as intervenções realizadas com os alunos em situação de conflito e o apoio da gestão escolar na mediação desses conflitos, foi possível averiguar novamente a descaracterização do papel da pedagoga na questão da mediação de conflitos e estão expressas nos **indicadores** desta sequência de falas,

Atendo 4 turmas, pois no período da tarde o Colégio tem 18 turmas entre 6º, 7º e 8º anos, além de casos de outras turmas que acabo auxiliando no atendimento quando uma colega pedagoga não está. Primeiramente escuto as queixas das partes envolvidas e em seguida procuro fazer intervenções para a mediação do conflito, até que cheguem ao entendimento. No entanto **há situações que a presença da família precisa ser solicitada**, principalmente quando há desacato ao professor ou agressões verbais e/ou físicas. Nos casos de agressões físicas pede a interferência da direção e solicita a presença da família e da Patrulha Escolar para registro ou não de Boletim de Ocorrência, pois se umas das partes agredidas acharem por bem há o registro. (P1, ENTREVISTA em 05/05/2014)

A mediação do conflito é realizada com as partes envolvidas, que são ouvidas e orientadas. Todas as orientações são registradas nas pastas individuais dos alunos e nos casos de agressão física ou verbal os registros são feitos em atas. **A maior dificuldade se dá quando há casos de agressão e que precisa da presença da família**, pois dificilmente

consegue contactar as famílias, pois ou os números deixados não existem ou os pais não atendem quando identificam o número do telefone da escola. No Colégio tem-se uma equipe de direção sempre presente e que apoia e acompanha o trabalho pedagógico, fato esse que facilita o trabalho. (P1, ENTREVISTA em 06/05/2014)

As intervenções são feitas através do diálogo com os alunos e **quando necessário os pais são convocados**. Recebo apoio da gestão da escola no período vespertino, pois trabalho também a noite, mas no período noturno as mediações são feitas com as pedagogas do turno. (P1, ENTREVISTA em 07/05/2014)

Foi possível identificar com as respostas que as pedagogas acabam em sua rotina mediando conflitos entre professores e alunos, entre alunos e alunos, entre alunos e famílias e são por vezes sobrecarregadas pelas várias atribuições que lhes são impostas, seja pelas obrigações da função ou por falta de profissionais suficientes. Porém há uma dedicação no sentido de manter na escola um clima de estabilidade. Vemos através das falas apresentadas que o papel da pedagoga se descaracteriza quando não consegue atuar de modo efetivo na prevenção de conflitos que deveria ser o acompanhamento pedagógico, feito por meio de um plano de ação consolidado coletivamente pelo projeto político pedagógico. Visto que a escola não pode dar conta de tudo, em especial do trabalho de educação inicial promovido pelas famílias, quando isso não ocorre o papel da pedagoga e o de intervir para solucionar a falta de reconhecimento deste aluno do ambiente escolar. O reconhecimento e efetivação do papel do pedagogo depende do reconhecimento da intencionalidade e especificidade do trabalho pedagógico junto a toda comunidade escolar no desenvolvimento de uma gestão coletiva .

3.3 Participação da escola na construção das redes de comunicação

Na categoria **sentido e significações**, em relação aos projetos desenvolvidos pela escola que valorizam a prática do diálogo e comunicação com os alunos e a relevância do diálogo para a construção de relações humanas adequadas no ambiente escolar. Averiguaram-se os sentidos e significações dadas pelas

pedagogas em relação não só à elaboração de projetos os quais fomentam a participação coletiva e a aproximação dos alunos em todas as instâncias da escola e parece ser uma das formas efetivas de mediação de conflitos, também um dos modos de criar uma rede de comunicação entre os sujeitos da escola. Mas, contudo nesta categoria estas profissionais refletem qual é o seu papel como pedagogas. Assim, foi possível identificar os núcleos de significações refletidos nas falas.

No ano anterior foi desenvolvido o projeto Valores, onde **todos os professores com o apoio da equipe pedagógica trabalharam** sobre violência, *bullying*, ética e valores. Na questão do diálogo para a construção de relações humanas confortáveis no ambiente escolar, resume o meu trabalho enquanto pedagoga, em **proporcionar oportunidades de diálogo para a solução dos conflitos diários**. (P1, ENTREVISTA em 05/05/2014)

A participação dos alunos no Grêmio e no Conselho Escolar como projetos que **trazem os alunos para o contato com a Direção e equipe pedagógica da escola** na busca coletiva de algumas decisões que envolvem a rotina do colégio. Sobre a prática do diálogo para a construção de relações humanas confortáveis no ambiente escolar, **nisso consiste meu trabalho**, pois rotineiramente **realizar intervenções nas situações de conflito** pelas quais atendo onde procura ouvir as partes, **analisar e orientar**. (P1, ENTREVISTA em 06/05/2014)

No ano de 2013 desenvolvi o projeto “Caminhos para a prevenção da violência na escola” onde enfatizou-se **a importância do diálogo como forma de prevenir casos de violência**. Sobre a relevância do diálogo para a construção de relações humanas confortáveis no ambiente escolar acredito que o diálogo é de extrema importância para a construção das relações humanas, pois **muitos alunos procuram as pedagogas para conversar e se queixam que seus pais ou responsáveis não param para ouvi-los**. (P1, ENTREVISTA em 07/05/2014)

Com as respostas apresentadas vemos que a escola busca desenvolver projetos que possibilitem o desenvolvimento da prática do diálogo na mediação dos conflitos. As pedagogas entendem a discussão proposta por Vygotsky em que a linguagem é o agente de mediação dos conflitos relacionais, presente nas situações

de grupo. Onde há grupos, estabelecem-se relações interpessoais e onde há essas relações, há de se ter conflitos. Portanto, faz parte da rotina da escola atender aos casos e mediá-los. A diversidade de funções que são atribuídas ao pedagogo, através das ocorrências disciplinares, infracionais e administrativas, tomam conta da maior parte do tempo o qual poderia ser estendido para a organização e acompanhamento do trabalho pedagógico.

Entendemos assim que o trabalho pedagógico proposto, atualmente, aos pedagogos do sistema de ensino público estadual requer-se um domínio mais aprofundado das questões educacionais e pedagógicas presentes na escola. Nessa perspectiva, o papel da escola não pode se neutralizar, uma vez que esta *“não pode eximir-se de uma determinação de sentido da práxis educativa, já que intervém no destino humano, na formação e no ser humano dos educandos”* (LIBÂNEO, 2004, p.192). Portanto, compreender o pedagogo como agente mediador do trabalho pedagógico e transformador da sociedade. Nesse contexto, o papel da pedagoga se apresenta como uma ferramenta favorável ao diálogo com discussão bem planejada e socialização de idéias e critérios definidos por um projeto político pedagógico bem estruturado. A fim de favorecer a comunicação entre os protagonistas do momento de crise, proporcionando assim a abertura para a solução das situações de conflito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fortalecimento do pensamento e da linguagem aumenta a possibilidade de controle das manifestações emocionais, a imparcialidade, o diálogo e o consenso democrático são práticas imprescindíveis na resolução dos conflitos. Neste sentido, o papel da escola é do fomentar atividades que fortaleçam a comunicação e expressão dos estudantes, e isto se faz com o pleno domínio das áreas do conhecimento, disponibilizadas pela disciplinas, pela promoção de ações e comunicação com todas as instâncias da escola. A mediação é um processo de ajuda em situação de crise e está sendo pensada para o conflito, de ordem passageira, porém sua efetivação, na cultura escolar, requer uma intervenção pontual através do trabalho da pedagoga.

Portanto o papel da pedagoga ao mediar diferentes situações permite a possibilidade de comunicação entre as pessoas envolvidas em conflito para entendê-lo, analisá-lo em suas causas, e a partir de então construir soluções. Desse modo, acredita-se que a mediação de conflitos pode contribuir para o desenvolvimento social na escola, melhorando qualidade da convivência escolar através da abertura para o diálogo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de, OZELLA, Sergio. **Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 94, n. 236. p. 299 – 322, jan/abr. 2013.

CAMARGO, Denise de. **As emoções e a escola.** Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para que?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon.** São Paulo: Loyola, 2007.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizagem e desenvolvimento um processo sócio-histórico.** São Paulo: Editora Scipione, 1995.

ORTEGA, Ruiz; DEL REY, Rosario. **Estratégias educativas para a prevenção da violência.** Tradução de Joaquim Ozório . Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

PARANÁ. **O papel do pedagogo diante do processo de ensino e aprendizagem.** Secretaria de Estado do Paraná. Núcleo Regional de Educação de Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/cge>>. Acesso em: 31 maio. 2014.

PARANÁ. **O papel do pedagogo na gestão: possibilidades de mediação do currículo.** Secretaria de Estado do Paraná. Coordenação de Gestão Escolar (CGE). Em mimeo. 2010a. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/cge>>. Acesso em: 09 julh. 2014.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Organização do trabalho pedagógico**. Superintendência da Educação. Coordenação de Gestão Escolar – Curitiba: Seed/PR, 2010. - p. 128 Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2010/papel_pedagogo_gestao_possibilidades.pdf

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.